Nome: Araceli Covre da Silva

Endereço: Rua Agenor Amaro dos Santos, 55. Bairro Jardim Camburi – Vitória – ES – 29090-010

Telefone: (27) 98127-0404

E-mail: [aracelicovre@hotmail.com](mailto:aracelicovre@hotmail.com)

Formação acadêmica: Mestre em Letras e Doutoranda em Estudos Linguísticos –PPGEL/UFES

Instituição em que trabalha: Ufes (área administrativa) e CESV – Centro de Ensino Superior de Vitória

Área: Estudos sobre texto e discurso

**REFERENCIAÇÃO E HUMOR EM CHARGES**

Resumo

Este trabalho tem como propósito analisar a charge sob a perspectiva da teoria da referenciação enquanto fenômeno de construção no qual os objetos são criados no e pelo discurso. Para tanto, busca-se apoio fundamentalmente nas concepções de Koch (1998, 2015), Cavalcante, Rodrigues e Ciulia (2003), Lima (2009) e Cavalcante (2012). Parte-se do princípio de que a charge, como gênero multimodal, apresenta categorizações que não se estabelecem necessariamente pelas informações explícitas no texto, mas são produzidas, sobretudo, pela ativação de elementos inferidos no plano contextual, cujas pistas, o conhecimento partilhado funciona como gatilho para o efeito de criação de humor. As observações indicam que a forma como os referentes são evocados contribui para a função comunicativa desse gênero que, dada a sua configuração, exige informações condensadas e, consequentemente, impõe ao leitor o conhecimento dos fatos cotidianos, a fim de produzir sentidos adequados e perceber o humor, a ironia e a crítica social nela presente.

Palavras-chave: charge, humor, referenciação

Abstract

This paper has the purpose to analyze the daily cartoon under the perspective of the theory of referencing as a construction phenomenon in which the objects are created in and by the discourse. In order to do so, it gets support fundamentally from the conceptions of Koch (1998, 2015), Rodrigues and Ciulia (2003), Lima (2009) e Cavalcante (2012). It takes as principle that the daily cartoon, as a multimodal genre, presents categorizations which do not necessarily establish themselves by the information implicit in the text, but are especially produced by the activation of elements inferred in the contextual plan, whose clues, the shared knowledge, works as a trigger to the creation of the humoristic effect. Observations indicate that the form in which the referents are evoked contributes to the communicative function of the genre that, given its configuration, demands condensed information and, consequently, demands from the reader the knowledge of daily facts in order to produce the adequate meaning and perceive the humor, the irony, and the social criticism present in it.

Keywords: cartoon, humor, referencing

**Considerações iniciais**

“Não há comicidade fora daquilo que é propriamente humano”

(Bergson, 2007)

O humor é inerente à vida humana, se manifesta sob diversas formas, gera riso, comicidade, ironia, emerge das situações vividas pelo homem, instaura-se pela ruptura de algo que se espera, daí, como situa a epígrafe, o cômico é um ato tipicamente humano. Mas como esse ato é construído? Que estratégias são utilizadas? Como se dá efeito de humor? Pensamos sobre essas questões pautando-nos nos processos referenciais utilizados para a produção de charges, objeto de análise.A partir da teoria da referenciação, com base em Mondada (2003), Apotheloz (2003), Koch, (1998, 2015), Cavalcante (2003, 2012) entre outros, propomos a leitura de duas charges que versam sobre a prisão de Antony Garotinho, ex-governador do Estado do Rio de Janeiro. Com esse intuito, traçamos um panorama sobre a teoria da referenciação, discorremos sobre esse gênero, para,assim, lançarmos um olhar sobre elas.

**A referenciação no processo de produção textual**

A comunicação se estabelece por meio de textos, sejam eles orais ou escritos, quesão produzidos com vistas a alcançar determinado objetivo, o que, de certa forma, direciona a configuração dada e a linguagem utilizada. Nessa perspectiva, a concepção de texto ancora-se no fato de que sua produção é “sociocognitivo-interacional de língua que privilegia os sujeitos e seus conhecimentos em processos de interação” (Koch e Elias, 2006, p. 12). O texto, então, é processado pelo leitor/ouvinte não só por meio das informações presentes em sua superfície, mas também, e principalmente, pelas informações contextuais, ou seja, pelas informações acionadas no ato comunicativo, pela relação estabelecida entre seus participantes, pelo conhecimento supostamente partilhado.

Pensar a interação como um jogo no qual são acionados conhecimentos internos e externos ao ato comunicativo leva-nos à percepção de que o processo de construção textual é dinâmico, configura-se e reconfigura-se a partir da necessidade dos participantes da interacão. A maneira como nos comunicamos com os outros se dá muito mais em decorrência de nossa atuação discursiva e de nossa interação sociocognitiva do que por procedimentos formais de categorização linguística, como pontua Marcuschi (2007). Isso revela a inexistência de uma relação biunívoca entre linguagem e mundo, não há uma correspondência direta entre a linguagem e o que ela representa, há, na verdade, relações que se constroem na dinâmica da interação, aspecto defendido, no campo da Linguística Textual, nas pesquisas sobre referenciação.

Os estudos sobre referenciaçãotêm mostrado a questão da referência distinta daquela tradicional em que há uma correspondência direta entre a palavra e a coisa que ela representa. Pelo contrário, o processo de referenciação é uma construção que depende de muitos fatores e, por isso, não é estável, implica uma visão dinâmica em que os objetos vão sendo construídos e recriados no discurso, com base nas intenções do produtor do texto. As formas de referenciação vêm das escolhas dos sujeitos. Nós, enquanto leitores, guiados pelas pistas contextuais,buscamos estabelecer uma relação entre o texto e a parte não linguística da prática em que o texto é produzido. Nas palavras de Mondada e Dubois (2003, p. 20), essas práticas“não são imputáveis a um sujeito cognitivo, abstrato, racional, intencional, ideal, solitário face ao mundo, mas a uma construção de objetos cognitivos e discursivos na intersubjetividade das negociações, das modificações, das ratificações e de concepções individuais e públicas do mundo”*.*

Se os referentes são construídos no discurso, no seio da interação, se eles não são dados *apriori*, mas são ativados a partir das pistas contextuais, então eles podem ser categorizados e recategorizados a partir da necessidade, das escolhas e das intenções do produtor do texto. Conforme assinalam Lins e Capistrano Jr. (2014, p. 34),

a seleção de recursos da linguagem, portanto, não é mera atividade de designação, rotulação ou etiquetamento do mundo externo ao texto, mas constitui um processo que, negociadamente, revela como esses sujeitos (re)elaboram realidades e estabelecem suas expectativas e avaliações. Assim, se a construção de referentes é uma atividade dinâmica e instável, os sujeitos estão sempre transformando, moldando (recategorizando) objetos de discurso.

Ao transformar, moldar, recategorizar um referente, o produtor do texto conduz, de certa forma, o percurso interpretativo do leitor/ouvinte, que o constrói a partir de suas ações cognitivas e socioculturais. Vale ressaltar que o processo de recategorização extrapola os limites linguísticos, os elementos verbais do texto. A charge, por exemplo, é um gênero multimodal, pois integra as linguagens verbal e imagética; é no imbricamento dessas linguagens que o processo referencial se realiza. De acordo com Lima (2009, p. 40), “o processo de recategorização não necessariamente é homologado por uma relação explícita entre um item lexical e uma expressão recategorizadora na superfície textual, estando a sua (re)construção, em maior ou menor grau, sempre condicionada pela ativação de elementos inferidos do plano contextual”.Evidencia-se, assim, que na produção de sentido de um texto, as construções referenciais conjugam os elementos presentes na superfície textual com todos os outros que, associando-se a eles por meio dos processos inferenciais, contribuem para a leitura do texto.

Com o intuito de ratificar o quão importante é entender o processo de recategorização como associação de elementos que ultrapassam os limites de ordem linguística, destacam-se as seguintes características propostas por Lima (2009, p. 57):

1. a recategorização nem sempre pode ser reconstruída diretamente no nível textual-discursivo, não se configurando apenas pela remissão ou retomada de itens lexicais;
2. a recategorização deve, em alguns casos, ser (re)construída pela evocação de elementos radicados num nível cognitivo, mas sempre sinalizados por pistas linguísticas;
3. a recategorização pode ter diferentes graus de explicitude e implicar, necessariamente, processos inferenciais.

Observar-se-á nas charges propostas para análise, como sinaliza Lima (2009), que a recategorização pode ancorar-se em elementos fora da superfície textual os quais são ativados pela cognição do leitor/ouvinte a partir das expressões linguísticas. A recategorização pode ser compreendida como um processo que possibilita a modificação do referente ao longo de um texto. Assim, em consonância com Koch (2002), Lima (2009) e outros estudiosos, entendemos a recategorização como um processo dinâmico, construído no discurso pautados pelas pistas contextuais e pelas inferências ativadas pelo leitor. Com base nessa percepção, a recategorização pode ser uma importante estratégia para a produção de humor em charges, posto que a concisão implica a ativação de conhecimentos contextuais, a categorização e recategorização de informações tanto para produção quanto para a recepção desse gênero.

**A charge: elementos constitutivos e deflagração do humor**

O gênero charge é normalmente publicado em jornais, construído na maioria das vezes num quadro único, composto de ilustrações que caracterizam personagens, situações, ambientes que devem ser pensados no contexto específico a que se ligam.De acordo com Silva (2004, p. 13),

O termo charge é francês, vem de charger, carregar, exagerar e até mesmo atacar violentamente (uma carga de cavalaria). Este tipo de texto tem caráter temporal, pois trata do fato do dia. Dentro da terminologia do desenho de humor pode-se destacar, além da charge, o cartum (satiriza um fato específico de conhecimento público de caráter atemporal), a tira, os quadrinhos e a caricatura pessoal.[...]. Ela é o local escolhido pela ironia, metáfora (transferência), pelo contexto, pelo sujeito, para atuar. Por ser combativa, tem lugar de destaque em jornais, revistas e na Internet. (SILVA, 2004, p. 13).

O estudo de Silva (2004) indica algumas características presentes em charges, entre as quais destacamos a temporalidade, a ironia e a caricatura. A primeira porque situa o tema em um momento específico, os fatos anunciados geralmente são da ordem do dia, dos últimos acontecimentos do cotidiano, especialmente políticos; a segunda porque aciona um tom crítico que gera humor; a terceira cria porque o personagem, cujo reconhecimento é fundamental para a produção de sentido.

Os textos chárgicos são temporais porque estão geralmente relacionados a uma notícia jornalística, a uma realidade específica, sobretudo a fatos de cunho político. Mostram um fato sob uma ótica crítica e humorística, de forma leve, aparentemente despretensiosa, reveladorado olhar do produtor acerca dos problemas, das mazelas sociais. Um dos recursos utilizados para exprimir esse olhar é a ironia, uma “figura por meio da qual se diz o contrário do que se quer dar a entender; [...] se caracteriza pelo emprego inteligente de contrastes, usado literariamente para criar ou ressaltar certos efeitos humorísticos” (Houaiss, 2001, p. 1651). Assim, a ironia revela um dizer não explícito, daí ser muito utilizada em textos humorísticos. Além da ironia há que se pensar na função da caricatura presente nas charges, especialmente as políticas. De acordo com Landowsky (1995, p. 79):

A caricatura política obedece aos mesmos princípios gerais, mas acrescenta certas determinações particulares. Mesmo que, pela acentuação sistemática das incongruências ou das deformidades, ela não se priva nunca de enriquecer a seu modo nossa visão estética dos homens que encarnam o poder, ela limita-se raramente a inferir sobre este plano, o das coisas diretamente visíveis.

Pode-se dizer que a caricatura provoca o humor na medida em que seu traço revela a ridicularização do ser representado.O exagero é uma forma de chamar a atenção do leitor sobre a imagem retratada, funciona como um gatilho cômico.

A charge é um gênero multimodal, a leitura não é linear, isto é, não há como definir onde ela começa, porque, a depender da percepção de cada leitor, a interpretação se dá a partir de um ponto. As informações do quadro chárgico são condensadas, posto que o reconhecimento da imagem associado às indicações verbais (se houver) ativam uma série de dados para a produção de sentido. Por isso, a imagem caricatural e a ironia são elementos marcantes nesse gênero e promovem o humor.

Acolhemos a ideia de que a charge revela uma crítica social e a faz com leveza, há uma temática séria retratada de forma humorística. Se há crítica, há proposições que desvelam um ponto de vista, há processos retóricos envolvidos, ou seja, há o desejo de provocar uma reflexão e, consequentemente, mudança de comportamento. A retórica, na verdade,

sedimenta ou altera os estados de espírito, move a disposição, modifica temperamentos e, por isso, liga-se intrinsecamente ao **humor**, uma vez que ao mostrar, pela construção discursiva, o valor positivo do ético, do justo, do belo, do honrável e da nobreza do acordo, ressalta nuances significativas da dimensão humana para, como objetivo maior, capturar a benevolência do auditório. Por ser inimiga da neutralidade, a retórica incita os **humores**: quando necessário, questiona as verdades absolutas, os dogmas, as autoridades, os idealismos, conclama o auditório a tomar uma posição [...] (Ferreira, 2015, p. 181-182) grifos do autor.

O humor muitas vezes não se restringe ao fazer rir apenas, mas trabalha com as mazelas humanas com o intuito de promover uma reflexão sobre as atitudes do ser, por isso desnuda comportamentos. Esse convite à desconstrução de verdades absolutas pode ser verificado em charges.

**O processo referencial na promoção do humor**

À luz da teoria apresentada, propomos um olhar sobre duas charges cujo tema é a prisão de Antony Garotinho, ex-governador do Rio de Janeiro.

Charge 1



A charge em tela foi produzida por Amarildo e publicada no Jornal A Gazeta em 17/11/2016. A charge é um texto temporal, geralmente está relacionada a algum fato social e as imagens nela utilizadas precisam ser reconhecidas para a produção de um sentido adequado. No caso em análise, temos a figura caricatural de Antony Garotinho recebendo a voz de prisão anunciada por um representante da lei. O leitor é convocado a acionar informações sobre Garotinho, a observar a forma como ele foi desenhado e a conhecer a legislação brasileira em relação à prisão. Pode-se dizer que esses pontos norteiam a produção de sentido.

Quanto ao Garotinho, é preciso reconhecer que se trata de uma figura pública, secretário de governo de Campos dos Goytacazes e ex-governador do estado do Rio de Janeiro, saber que ele foi preso no Flamengo, Zona Sul do Rio, por agentes da Polícia Federal, em 16/11/2016, portanto no dia anterior à publicação dessa charge, por envolvimento em atos de corrupção, como noticiaram alguns jornais do país.

Garotinho é representado como um menino, conforme indica a roupa e os acessórios utilizados (short, camiseta, boné virado para trás e tênis), além da linguagem comumente usada por adolescente em conflito com a lei (Pô tio! Eu não posso ser preso! Eu sou “dimenor”). O argumento utilizado pelo garoto para não ser preso é o fato de ele ser “dimenor”. Pela legislação brasileira, medidas socioeducativas são aplicáveis a adolescentes que praticam atos infracionais previstos no art. 112 do Estatuto da Criança e do Adolescente. Embora o ato praticado pelos menores (faixa etária de 12 a 18 anos) seja um delito, tem caráter predominantemente educativo e não punitivo, o que possibilita ao garoto não ser tratado como um criminoso. A associação desses aspectos encaminha-nos a forma como o referente é construído nessa charge, o nome de Garotinho é recategorizado, do nome próprio passa a ser identificado como alguém menor de idade. O chargista se vale do apelido do governador “Garotinho” e esse referente é reconfigurado em um menino, por meio da imagem.

Ao observarmos as charges publicadas em jornais ou em sites da internet no período em que Garotinho estava sendo alvo de investigações, havia várias produções que fazem alusão a esse caso, o que corrobora o fato de esse gênero abordar questões da ordem do dia. É interessante perceber como o mesmo episódio é retratado por chargistas diferentes. Com o intuito de identificar se há estratégias recorrentes no processo de construção do texto e que outros elementos são ativados para a produção do sentido, quando se trabalha com o mesmo tema, selecionamos a charge seguinte publicada também no dia 17/11/2016.



(Disponível em:<http://centraldoparana.com.br/charge/charge-17112016>, acessada em 05/02/2017)

Essa charge foi publicada pela Central do Paraná e produzida pelo chargista Sinfrônio. Nela trabalha-se com a mesma temática da charge anterior. O ex-governador também é retratado como um garoto. Como os olhos estão vendados, há a ideia de que o ser representado é menor de dezoito anos. Em cumprimento à determinação constante do Estatuto da Criança e do Adolescente, não é permitido veicular imagem de menores de dezoito anos. O reconhecimento da imagem se faz com o anúncio “Garotinho é preso no Rio”, mais uma vez recategorizado como um menino.

Além da figura do garoto, há dois aspectos importantes para a produção de sentido. O primeiro é o uso do demonstrativo isso (Imagina isso quando crescer) que remete ao garoto, mas seu sentido vai além de uma mera indicação, funciona, na verdade, como uma pista contextual para que o leitor complete as reticências deixadas pelo produtor. Certamente, considerando a expressão “imagina isso”, uma das interpretações possíveis que se pode presumir é, se ainda garoto já é suspeito de cometer infrações, quando crescer, o que se pode esperar? O segundo é o referente “operação chequinho”[[1]](#footnote-2), necessário para que o leitor construa sua leitura. Trata-se de uma operação que investiga o uso indevido do cheque cidadão, relativo a um programa social, implantado em Campos-RJ, cujo propósito era beneficiar famílias em vulnerabilidade social. O ato sob investigação é a utilização do cheque para compra de votos nas eleições em Campos-RJ. A leitura da charge requer a associação do anúncio feito pelos policiais “Garotinho é preso no Rio”, mais a imagem do menino, além do reconhecimento do caso “operação chequinho”. A identificação do referente Garotinho, ex-governador, e sua recategorização como menino, apresentando na imagem, confirma a hipótese de que a recategorização é uma importante estratégia na produção da charge.

As charges analisadas indicam que a recategoriação é acionada a partir das pistas contextuais (anúncio da prisão) e construída com base na evocação de elementos de natureza cognitiva (ex-governador = Garotinho/ associação de Garotinho = menino). Observando outras produções publicadas, relativas ao caso de Garotinho, foi possível perceber que essa estratégia foi recorrente.

**Considerações finais**

A charge é um gênero textual cujo processo de produção requer de seu autor uma percepção ampla dos assuntos cotidianos, mas, dada sua configuração, exige que as informações sejam condensadas de forma a permitir ao leitor o resgate de pontos não explícitos no texto. Essa construção se torna possível por meio do jogo de imagens, por meio das recategorizações, associadas aos registros linguísticos, quando existem. Trata-se de um texto que revela um posicionamento crítico, com uma dose de humor.

As análises possibilitaram identificar como o processo de recategorização do referente é produtivo na construção de charges e ainda como esse processo contribui para a promoção do humor. De forma concisa, com base nas informações linguísticas e nos conhecimentos inferidos a partir das pistas contextuais, o leitor constrói o sentido sobre temas sérios, mas de forma lúdica.

Por ser a charge um gênero temporal, que dialoga com fatos do cotidiano, o reconhecimento dos referentes é condição *sine qua non* para sua compreensão. Quanto mais informações o leitor tiver sobre o fato retratado, maior será o seu entendimento. Assim, a leitura de charges está diretamente relacionada ao conhecimento de mundo do leitor, ao seu *background* sócio-cultural e político, a fim de que possa integrar o texto verbal e o imagético, posto que é nesse imbricamento que a produção discursiva se instaura.

**Referências**

BERGSON, H. *O riso: ensaio sobre a significação da comicidade*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

CAVALCANTE, Mônica Magalhães. *Os sentidos do texto*. São Paulo: Contexto, 2012.

FERREIRA, Luiz Antônio. Tá rindo de quê? Aspectos da graça e do risível em retórica. In: CARMELINO, Ana Cristina (org.) *Humor*: eis a questão. São Paulo: Cortez, 2015. p. 181-194.

KOCH, Ingedore G. Villaça. *Desvendando os segredos do texto*. São Paulo: Cortez, 1998.

KOCH, Ingedore G. Villaça. *Introdução à linguística textual*: trajetória e grandes temas. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2015.

KOCH, Ingedore G. Villaça; ELIAS, Vanda Maria. ***Ler e compreender os sentidos do texto***. São Paulo: Contexto, 2006.

KOCH, Ingedore G. Villaça; ELIAS, Vanda Maria. ***Ler e escrever***: estratégias de produção textual. São Paulo: Contexto, 2009.

LANDOWSKI, Eric. ***Não se brinca com o humor*:** a imprensa política e suas charges. Face São Paulo, v.4 nº 2, jul/dez, 1995.

LIMA, Silvana Maria Calixto de. ***Entre os domínios da metáfora e da metonímia***: um estudo de processos de recategorização. 2009. 204f. Tese (Doutorado em Linguística). Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2009.

LIMA, Silvana Maria Calixto de e CAVALCANTE, Mônica Magalhães. Revisitando os parâmetros do processo de recategorização. *ReVEL*, v. 13, n 25, 2015 [www.revel.inf.br].

LINS, Maria da Penha Pereira e CAPISTRANO Jr., Rivaldo. A referenciação como gatilho para a construção do humor em tiras cômicas. In: LINS, Maria da Penha Pereira e CAPISTRANO Jr., Rivaldo (Orgs.) ***Quadrinhos sob diferentes olhares teóricos***. Vitória: PPGEL-UFES, 2014. p. 31-43.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Cognição, linguagem e práticas interacionais*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

MONDADA, Lorenza; DUBOIS, Daniele. Construção de objetos de discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referenciação. In: CAVALCANTE, Mônica Magalhães et al. (Orgs.) *Referenciação*. São Paulo: Contexto, 2003. P. 17-52. (Coleção clássicos da linguística).

SILVA, Carla Letuza Moreira e. *O trabalho com charges na sala de aula*. Pelotas, RGS: UFRGS, 2004.

1. No dia 16/11/2017, vários jornais noticiaram a prisão de Antony Garotinho e os motivos pelos quais ele estava sendo investigado. A “operação chequinho” é um das ações investigadas. As informações presentes neste texto sobre esse caso foram extraídas do sítio eletrônico <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2016/11/anthony-garotinho-e-preso-pela-policia-federal-na-zona-sul-do-rio.html>, acessado em 10/02/2017. [↑](#footnote-ref-2)